

O CARÁTER EMANCIPATÓRIO DA RAZÃO CRÍTICA: REFERÊNCIA EDUCATIVA EM THEODOR W. ADORNO¹

José Mateus Bido

Resumo: A postura filosófica de Adorno permite entender que o pensamento, estimulado pela crítica (condição de se refazer), conduz o refletir sobre a real possibilidade de emancipação do indivíduo. Esta possibilidade de emancipação se faz presente no indivíduo, mediante a consciência de si, a consciência sócio-política e o compromisso responsável que assume contínua e permanentemente frente ao contexto histórico-social. A emancipação se confirma pela busca contínua da superação da reificação social e do estado de minoridade pessoal, criados pela passividade intelectual e comportamental pelo processo de formação capitalista. A emancipação também se manifesta na superação do embrutecimento da sensibilidade cultural e pela crítica filosófica, que se refaz pela perspectiva do homem. A razão crítica traz, em sua proposta, o caráter emancipatório frente ao “ofuscamento” intelectual e produtivo, provocados pelo modelo e padrões da sociedade do consumo. A postura crítica de Adorno se constrói como uma denúncia sempre crescente frente ao automatismo que induz ao modo de pensar e à apatia consensual no agir, impostos pela indústria cultural. Sendo assim, o caráter emancipatório da razão crítica consiste na abertura ao constante diálogo entre as possibilidades reais da autonomia humana, refletida na capacidade de pensar e agir com identidade própria e com responsabilidades de quem cumpre seu papel social de forma consciente. Este caráter também se manifesta no confronto consciente que o indivíduo deve fazer em sua ação e reflexão entre a condição de ser autônomo e de ser autômato. Esta condição de confronto pode auxiliar a compreender o caráter da emancipação proposta por Adorno.

Palavras-chave: Adorno, Emancipação e Razão Crítica.

Abstract: The philosophical stance of Adorno allows us to understand that thought, stimulated by critical (condition to remake), conducts reflect on the real possibility of individual emancipation. This possibility of emancipation is present in the individual through self-awareness, socio-political awareness and responsible commitment that assumes continuous and permanently outside the historical and social context. Emancipation is confirmed by the continuous pursuit of overcoming social reification and staff minority state, created by the intellectual and behavioral passivity by the capitalist formation process. Emancipation is also evident in overcoming the coarsening of cultural sensitivity and the philosophical criticism, which retraces the man's perspective. The critical reason brings in its proposal, the emancipatory front of the "obfuscation" intellectual and productive, caused by the model and the consumer society's standards. Adorno's critical stance is built as an ever-increasing complaint against the automatism that leads to the way of thinking and consensus apathy in action, imposed by the cultural industry. Thus, the emancipatory character of critical reason is the openness to constant dialogue between the real possibilities of human autonomy, reflected in the ability to think and act with its own identity and responsibilities of who fulfills its social role consciously. This character is also manifested in the conscious confrontation that the individual should do in their action and reflection between the condition of being autonomous and being automaton. This confrontation condition may help to understand the character of emancipation proposed by Adorno.

¹ O presente texto baseia-se na pesquisa realizada no mestrado em Filosofia, pela Unioeste, Campus Toledo.

Keywords: Adorno, Emancipation and Critical Reason.

1- INTRODUÇÃO:

O pensamento filosófico de Adorno remete-se constantemente à legitimidade intelectual da crítica dialética. Entendida como referencial de interpretação da realidade, a crítica dialética congrega pensamento e método dialéticos, estritamente ligados com a práxis. Pensar e agir são elementos integrantes de sua composição. Sua reflexão está envolta com a realidade problema investigada, sendo por ela instigada para suplantar a leitura instrumentalista sobre a situação. Neste aspecto, qualquer rompimento entre o modo de como Adorno pensa o pensamento e o método que ele emprega para esta condição correria o risco de sofrer uma nulidade argumentativa. Seu pensamento é profundamente marcado pela composição da realidade-problema, na qual a factualidade e a inteligibilidade compõem um mesmo foco para a elaboração da crítica².

O pensador consegue, na amplitude e profundidade de suas reflexões, uma aproximação entre a realidade pensada e o encaminhamento terminológico para expressar a sua compreensão das coisas. Esta aproximação pode ser entendida na composição do seu raciocínio para referenciar a sua postura crítica. Esta postura do pensador conduz o seu leitor a seguir as mesmas pegadas. A perspectiva adorniana vislumbra, a partir da realidade, o contraditório como possibilidade de fazer brotar a novidade naquilo que envelhece e a flexibilidade na rigidez. Sua referência e sua perspectiva de realidade não conduzem a argumentos fechados. Internamente a eles, encontra-se a inquietação que dinamiza e que recria possibilidades de repensar a realidade para não deixar que se feche sobre si mesma.

Não queremos dar ao tema um caráter tautológico, no que se refere à sua abordagem conceitual. Exatamente porque o pensamento de Adorno, ao tratar o sentido da emancipação, trata-o oportunamente por meio de um refletir crítico em vista de uma práxis autônoma e responsável, mediante um processo que se faz e refaz no tempo histórico, em sintonia com o processo da formação cultural. Em relação à práxis, Adorno sugere “[...] Uma verdadeira práxis revolucionária depende da intransigência da teoria em face da inconsciência com que a sociedade deixa que o pensamento se enrijeça” (HORKHEIMER & ADORNO, 1985, p. 45).

Em seu ensaio *Notas Marginais sobre Teoria e Práxis* de 1969, Adorno trabalha o tema da relação entre teoria e práxis, como uma forma de romper com o dualismo que se dá na condição do conhecimento. Para o pensador (1969, parágrafo 1º),

² Cf. Adorno, 2009, p. 179.

[...] Dever-se-ia formar uma consciência de teoria e práxis que não separasse ambas de modo que a teoria fosse impotente e a práxis arbitrária, nem destruísse a teoria mediante o primado da razão prática, próprio dos primeiros tempos da burguesia e proclamado por Kant e Fichte. Pensar é um agir, teoria é uma forma de práxis; somente a ideologia da pureza do pensamento mistifica este ponto. O pensar tem um duplo caráter: é imanentemente determinado e é estringente e obrigatório em si mesmo, mas, ao mesmo tempo, é um modo de comportamento irrecusavelmente real em meio à realidade.

Esta posição de Adorno é importante, pois nos dá a possibilidade de analisarmos a compreensão sobre o real.

2- A PROPOSTA FILOSÓFICA DE THEODOR W. ADORNO

A postura filosófica de Adorno permite entender que o pensamento, estimulado pela crítica (condição de se refazer), conduz o refletir sobre a real possibilidade de emancipação do indivíduo. Esta possibilidade de emancipação se faz presente no indivíduo, mediante a consciência de si, a consciência sócio-política e o compromisso responsável que assume contínua e permanentemente frente ao contexto histórico-social. A emancipação se confirma pela busca contínua da superação da reificação social e do estado de menoridade pessoal, criados pela passividade intelectual e comportamental pelo processo de formação capitalista. A emancipação também se manifesta na superação do embrutecimento da sensibilidade cultural e pela crítica filosófica, que se refaz pela perspectiva do homem.

A razão crítica traz, em sua proposta, o caráter emancipatório frente ao “ofuscamento”³ intelectual e produtivo, provocados pelo modelo e padrões da sociedade do consumo. A postura crítica de Adorno se constrói como uma denúncia sempre crescente frente ao automatismo que induz ao modo de pensar e à apatia consensual no agir, impostos pela indústria cultural.

O caráter emancipatório da razão crítica consiste na abertura ao constante diálogo entre as possibilidades reais da autonomia humana, refletida na capacidade de pensar e agir com identidade própria e com responsabilidades de quem cumpre seu papel social de forma consciente. Este caráter também se manifesta no confronto consciente que o indivíduo deve fazer em sua ação e reflexão entre a condição de ser autônomo e de ser autômato. Esta condição de confronto pode auxiliar a compreender o caráter da emancipação proposta por Adorno.

O caráter emancipatório da razão crítica, proposto pela filosofia de Adorno, remete-nos também ao entendimento das situações que criam as condições do anonimato subjetivo.

³ Cf. ADORNO, 1995, p. 241-243 & HORKHEIMER & ADORNO, 1985, p. 99-138.

Esta condição da subjetividade ou da individualidade, termo melhor empregado por Adorno, é lido a partir de Freud. Para Adorno (idem., parágrafo 05),

[...] De acordo com Freud, o problema da psicologia de massa está intimamente relacionado com um novo tipo de padecimento psicológico, característico de uma era que, por motivos socio-econômicos, testemunha o declínio do indivíduo e seu subsequente enfraquecimento. Embora Freud não tenha se preocupado com as mudanças sociais em curso, pode ser dito que, mesmo se limitando aos confins monadológicos do indivíduo, ele conseguiu elaborar os traços de sua crise profunda e de sua vontade de inquestionavelmente se entregar as agências coletivas e poderosas existentes no mundo exterior.

A condição de uma racionalidade, com vistas à emancipação, remete ao entendimento dos mecanismos constitutivos do processo de massificação do indivíduo. Remete ainda à indiferença entre indivíduos, tendo em vista a superação contínua das forças aprisionadoras, impostas pelo sistema capitalista. A perda da identidade pessoal, a indiferença pessoal frente aos problemas que assolam o mundo (natureza), o homem, a sociedade e a despersonalização da atitude individual constituem-se em forças sistêmicas que embrutecem a percepção, o pensar, o sentir e o agir humano. Estas forças sistêmicas fazem com que “[...] muitas vezes de as pessoas se conservarem indiferentes mesmo diante da mais intensa pressão propagandística, se estão em jogo questões importantes” (ADORNO, 1951, parágrafo 02).

Adorno, ao dialogar com Becker, no texto *Educação após Auschwitz*, trata do tema *Educação para a resistência e para o controle das mudanças*⁴. Especificamente sobre “[...] esta educação para suportar as contínuas mudanças e aquilo que confere um novo significado ao indivíduo”, Adorno (2006, p. 153) expressa:

[...] Mesmo assim penso que atualmente a sociedade premia em geral uma não individuação; uma atitude colaboracionista. Paralelamente a isso acontece aquele enfraquecimento da formação do eu, que de há muito é conhecida da psicologia como "fraqueza do eu". Por fim, e preciso lembrar também que o próprio indivíduo, e, portanto, a pessoa individualizada que insiste estritamente no interesse próprio, e que, num certo sentido, considera a si mesma como fim último, também é bastante problemática. Se hoje o indivíduo desaparece — não tem jeito, sou um velho hegeliano —, então também é verdade que o indivíduo colhe o que ele mesmo semeou.

O que Adorno coloca em foco, neste texto, é a condição na qual o homem é submetido pela força heterônoma das instituições constituídas. De um lado temos um modelo social que apresenta a possibilidade de um eu isolado em si mesmo. De outro, temos um modelo social que apresenta um eu categorizado em uma coletividade de iguais. Frente a estas realidades historicamente constituídas a tese crítica de Adorno remonta sobre a necessária condição de se

⁴ Cf. Adorno, 2006, p. 152.

pensar a individualidade pela possibilidade de sua emancipação, como ser histórico e contingente. Individualidade é entendida como realidade ontológica contingente.

Se ambas as posturas apontam para o entendimento de uma individualidade, refletida a partir de leituras filosóficas precedentes⁵, Adorno busca instituir um pensamento filosófico que propõe um entendimento específico sobre o tema. Este modo de pensar específico se mostra como uma filosofia “preocupada com o complexo problema – do modo como os sujeitos se relacionam com os objetos no mundo atual e do modo como poderão vir a se relacionar num possível mundo futuro” (JAY, 1988, p. 55).

O propósito, aqui, é discutir as condições de superação do estado de embrutecimento, ou estado de menoridade, a que o homem contemporâneo é submetido, chamando a atenção para a concepção da formação de uma individualidade crítica, entendida na promoção cultural e formativa do sujeito crítico e livre⁶. Tal formação deve dialogar o perceber, o pensar, o sentir e o fazer humano. Pensando assim, o que se pretende é discutir a concepção adorniana sobre as circunstâncias formativas e o espaço de formação possível para a condução da razão à emancipação, entendida como um processo formativo que envolve a promoção do indivíduo em sociedade e dinamização social pela individualidade consciente de seu papel no coletivo.

Neste sentido é que a educação passa a ser vista como perspectiva da formação para o perceber, para o pensar, para o sentir e para o fazer. Ela, assim, se apresenta como uma condição possível e fundamental para instituir o caráter emancipatório da crítica racional. Por isso é que a concepção de educação em Adorno visa apontar para um processo de formação, distinto do apresentado pelo modelo capitalista, o que reage apenas para a adaptação, ou para a constituição da unilateralidade. Sendo assim, pode-se afirmar que a ação do indivíduo no mundo, isto é, a sua condição sociopolítica também é pensada por Adorno como processo da emancipação, a partir da reação e da resistência.

3- A CONCEPÇÃO DE “SUJEITO” CRÍTICO EM THEODOR W. ADORNO

Situar a discussão sobre a concepção do sujeito crítico em Adorno é aproximar a reflexão do autor com a linha de trabalho dos teóricos críticos, ressaltando a condição da subjetividade neste contexto. É possível dizer então que a leitura filosófica da realidade, instituída por Adorno, está em sintonia com a proposta do entendimento conceitual da tradição filosófica crítica acerca do tema da subjetividade⁷. Neste sentido, a postura adorniana

⁵ Cf. Jay, 1988, 79-80.

⁶ Cf. Adorno, 2009, p. 179-249.

⁷ Cf. Adorno, 2009, p. 180.

é de reconstituição deste entendimento, para além do conceito impresso pela cultura burguesa⁸. O sujeito em Adorno passa a ser tomado histórica e socialmente. Na leitura de Martin Jay (1988, p. 56),

[...] Um materialismo genuíno, como sempre sustentou a Escola de Frankfurt, também tinha uma função ética; ele deveria registrar e tomar como base os sofrimentos e necessidades dos sujeitos humanos contingentes, em lugar de explicá-los simplesmente por meio de uma teodiceia histórico-filosófica.

Partindo do referencial de que a concepção de sujeito em Adorno se dá factual e intelectualmente, por meio do entendimento do indivíduo, como ser contingente e que se faz a partir do relacionamento com os demais⁹, vamos compor o argumento que recria a noção de “sujeito crítico”, distintamente da tradição burguesa. A concepção de um sujeito crítico em Adorno é constituída efetivamente a partir das condições históricas e formativas em que ele está submetido e com as quais se relaciona. Parece ser este o entendimento que perpassa a perspectiva da obra *Dialética do Esclarecimento*. Por outro lado, também parece ser o princípio básico que sustenta a condição argumentativa da obra *Dialética Negativa*. Em sintonia com a condição de que a subjetividade é tomada na e a partir da história, factual e intelectualmente pensada como realidade dada, o pensador crítico se mostra aberto ao propósito de refletir sobre a condição do sujeito histórico, enquanto individualidade¹⁰.

A compreensão da relação entre o entendimento cultural da noção de individualidade e de emancipação, para além de categorias filosóficas, pode ser presenciada na “constelação filosófica” de Adorno como um arranjo crítico dos fundamentos destas noções. Para Adorno (1985, p. 198),

[...] Atualmente, o declínio da individualidade não ensina simplesmente a compreender sua categoria como algo de histórico, mas também desperta dúvidas quanto à sua essência positiva. A injustiça que sofre o indivíduo era o princípio de sua própria existência na fase da concorrência. Mas isso não se aplica apenas à função do indivíduo e de seus interesses particulares na sociedade, mas também à complexidade interna da própria individualidade. Foi sob o seu signo que se colocou a tendência à emancipação do homem, mas ela é, ao mesmo tempo, o resultado justamente dos mecanismos dos quais é preciso emancipar a humanidade. É na autonomia e na incomparabilidade do indivíduo que se cristaliza a resistência contra o poder cego e opressor do todo racional. Mas essa resistência só foi possível historicamente através da cegueira e irracionalidade daquele indivíduo autônomo e incomparável.

Este foco filosófico sobre o indivíduo é determinante para dar-lhe uma outra condição na contemporaneidade, distinta da apresentada pela mentalidade burguesa. Esta condição é a

⁸ Cf. Adorno, 2009, p. 181.

⁹ Cf. Adorno, 2009, p. 181.

¹⁰ Cf. CARBONARI, Paulo César, 2011. p. 83-99.

da flexibilidade e não automaticidade. Segundo Adorno, “[...] No trajeto da mitologia à logística, o pensamento perdeu o elemento da reflexão sobre si mesmo, e hoje a maquinaria mutila os homens, mesmo quando os alimenta” (idem., p.42).

A subjetividade, que nasce da disposição filosófica moderna de conceder ao homem a condição de autoridade racional¹¹, garante a instituição do conceito de sujeito a partir de legitimação de um eu,¹² centralizado no domínio lógico da ciência positiva. Esta concepção de sujeito se apresenta como uma expressão de universalidade categórica, afastando-se de sua condição histórica de contingência. Uma realidade estritamente ontológica, que modela a reflexão e estiliza a práxis. A reflexão prioriza a condição transcendente e transcendental, em detrimento da avaliação da realidade imanente e contingente.

A postura crítica, sobre este modelo de raciocinar da cultura europeia, permite conceber outra vertente investigativa. Esta racionalidade, concebida a partir da leitura de Adorno e da tradição marxista, garante um retorno ao sujeito histórico e, por isso, existente. Garante também um pensamento a partir do imanente. A situação humana que se faz e se refaz na realidade histórica passa a ser a condição material para a reflexão crítica. Pensar o contingente passou a ser um foco da filosofia, exatamente para descrever a realidade que impera sobre a ação e a vontade do homem no sistema sócio-produtivo em que se encontra. A concepção de sujeito crítico está necessariamente vinculada à materialidade de sua existência, pois é com ela que este sujeito precisa manter diálogo de percepção, de entendimento e de proposta de mudança.

Para conceber, na ótica de Adorno, um sujeito histórico e contingente, que tenha uma postura crítica frente à realidade em que está imerso, faz-se necessário entendê-lo a partir do papel deste sujeito na sociedade. A condição de ser um agente efetivamente envolvido, reflexiva e ativamente no seu meio, é que garante a base da formação da postura crítica. Se lida na perspectiva da *Dialética Negativa*, esta postura crítica se desenvolve através do exercício da liberdade do indivíduo. Esta liberdade do indivíduo, como sujeito, promove a capacidade de deixar-se afetar pelo mundo. Ela também passa pela condição de introspecção deste indivíduo frente ao seu sentido de contingência. Segundo o pensador (2009, p.188),

[...] A introspecção não descobre em si nem a liberdade, nem a não-liberdade como algo positivo. Ela concebe as duas coisas em relação com algo extramental: a liberdade como a contraimagem polêmica do sofrimento sob a compulsão social, a não-liberdade como a própria imagem desse sofrimento. Assim como o sujeito não é a “esfera das origens absolutas” pela

¹¹ Cf. BIDO, José Mateus, 2001. p. 61-72.

¹² Cf. TOURAINE, Alain, 1994.

qual ele se faz passar na filosofia, as determinações graças às quais ele se atribui a seu caráter soberano não pode jamais prescindir daquilo que, segundo a sua própria autocompreensão, não pode existir sem elas. Só se pode julgar aquilo que é decisivo no eu, sua independência e sua autonomia, em relação à sua alteridade, em relação ao seu não-eu.

Parece evidente que este argumento de Adorno está pontuando o fato de que a subjetividade moderna se compreende a partir da conceituação que efetivamente faz de si mesma. É a racionalidade moderna, utilizando-se dos seus argumentos, para instituir uma subjetividade superior, para a qual se convergem as respostas dos problemas por ela mesma formulados. Implícita a esta reflexão está o desejo da sociedade burguesa de tornar-se a autêntica detentora de si mesma, por meio da concepção de um “eu” autodeterminado a ser determinante. A crítica de Adorno se dirige a esta postura. À postura de uma razão autoritária perante a condição do saber e perante a perspectiva da noção de verdade.

Ao dar à subjetividade a real condição a que o sujeito é submetido, o pensador recoloca o problema filosófico. A condição do sujeito se realiza na sua ligação com as condições históricas do ser como indivíduo, as quais dão a ele a noção de existência e permanência no mundo. A condição exclusiva do exercício do pensamento não o torna o indivíduo sujeito. Isto apenas o descreve como tal. O indivíduo se torna sujeito na medida em que sua percepção e reflexão se fazem pela existência do não-idêntico a si, que se dá na sua relação com o outro que é também indivíduo existente e contingente. É na reflexão sobre suas condições que o ser humano descobre-se a si mesmo como possibilidade de dialogar com os elementos da sua cultura e contribuir realmente para o desenvolvimento e para a mudança. Caso contrário, “[...] como absoluto o indivíduo não passa de forma de reflexão das relações de propriedades [...]” (ADORNO, 2008b, p. 150, aforismo, 99).

Tratar o problema do indivíduo como sujeito crítico em Adorno não pode ser confundido como um elemento apenas especulativo de sua filosofia da análise. Tratar o sujeito crítico como problema filosófico parece ser o viés pertinente em sua reflexão. Isto porque a crítica se solidifica e se instaura para dialogar com a realidade. Neste aspecto, a reposição de uma nova subjetividade histórica se faz necessária, visto que a sociedade capitalista precisa ser compreendida criticamente e, frente às suas propostas, ser questionada subjetiva e objetivamente. Este aspecto parece apontar para a condição de superação da reificação imposta sobre o sujeito histórico contemporâneo. Esta abordagem reposiciona a condição do sujeito histórico, dando-lhe as possibilidades de pensar as forças que subjugam a sua condição de ser à condição de coisa. O foco está em resgatar o sujeito individual da condição de sujeitado à dinâmica heterônoma do meio para dar-lhe a condição de recriar a

força de uma consciência autônoma, vivida histórica e socialmente pela percepção de sua contingência.

A condição e o status de sujeito crítico não se instauram a partir de compreensão que o sujeito tem da sua necessidade intelectual pela subjetividade. Está evidente nas propostas de Adorno que a condição da crítica está ligada a um processo formativo que envolve sociedade e indivíduo, num processo contínuo e permanente. O sujeito crítico não se descobre como crítico. O sujeito crítico se constrói como tal. Ele é educado (formado) para ser crítico. Ser crítico não é uma condição inata. Ele se constrói, como crítico, se for criada e dada a possibilidade de sua inclusão num processo formativo, que dissemine a formação cultural, denunciando os elementos da pseudoformação. Por essa razão é que se faz necessária a existência de uma sociedade esclarecida e crítica. Por outro lado, faz-se necessária também a exigência de uma racionalidade crítica para que tal sociedade seja composta a partir da identidade de uma individualidade personalizada e não massificada. Esta circunstância deve ser compreendida como um círculo virtuoso, no qual indivíduo e sociedade se descobrem e se refazem continuamente, integrando intimamente a adaptação e a resistência.

A pretensão do esclarecimento burguês está na busca pelas respostas conceituais e instrumentais aos problemas reais, fortalecendo a ingerência racional. Os meios formadores que nascem neste contexto visam responder a esse propósito. A proposta de uma formação de um sujeito crítico busca propor a compreensão das condições das situações problemas que o envolvem e que determinam os rumos de suas ações e reflexões. Neste aspecto, a proposta de formação de um sujeito crítico se fortalece para garantir a dinâmica da compreensão de mundo e estimular e promover a mudança na pessoa e nas organizações humanas, como possibilidade diante do real, delimitando o vir a ser consciente. Para o sujeito crítico os instrumentos são meios que auxiliem na produção e não finalidade de uma organização humana.

A postura adorniana, em sintonia com a leitura dos demais frankfurtianos, vem garantir uma conceituação diferenciada de realidade formativa. Conceituação, porque parte de uma problemática dada: “A culpa é da ofuscação em que está mergulhada a sociedade” (HORKHEIMER & ADORNO, 1985, p. 45). Diferenciada porque resgata a filosofia do rumo histórico em que se submeteu: “Apesar de a ciência esperar da filosofia a decisão sobre aquilo que para ela mesma é insolúvel, ela só recebe da filosofia conselhos ideológicos” (ADORNO, 2009, p. 182).

A criticidade desta postura está no pressuposto de que o indivíduo se constitui como sujeito a partir de uma dada realidade, não somente pensada, mas feita pelas forças históricas

sistêmicas. E o maior desafio de uma situação formativa está em dar as condições para que as pessoas possam ter consciência e entendimento deste sistema. Uma formação para a crítica não pode ser ideológica, no sentido apenas de posicionamentos racionais. Ela apresenta a sua real criticidade se der ao indivíduo que pensa e age as condições de entendimento do processo em que está inserido e a possibilidade da ação e expressão livre do que é e pretende ser e fazer.

Esta postura formativa da subjetividade crítica não pode ser compreendida apenas como uma condição conceitual metafísica. Ela deve se apresentar como possibilidade existencial, pois nasce a partir dos anseios de um indivíduo que se encaminha para a sua possibilidade de ser, enquanto existente¹³ e que tem a responsabilidade para além do presente.

Ao analisarmos a composição do discurso científico, que define classicamente a condição do sujeito, teoricamente concebido, é possível perceber que ocorre um esforço para dar a ele o referencial da ação. A referência sintática está na combinação e na seleção de símbolos linguísticos, próprios de cada cultura, que tendem a orientar-se para a devida descrição e composição semântica de seu valor frente aos objetos da ação. O esforço está para delimitar tacitamente a distinção como a condição de objetividade, demonstrando a superioridade do humano como racional.

Ao refletirmos sobre o discurso filosófico adorniano é possível perceber que o pensador recompõe esta tônica. Na leitura de seus ensaios e obras é possível perceber, em princípio, a condição semântica dos fatos tais como se manifestam¹⁴, ao que ele chama de “Terminologia Filosófica”. A partir desta constatação objetiva busca-se a concordância da ação pensada sobre a condição do existente. É nesta regra racional que Adorno apresenta as contradições de uma realidade. Nisto reside um pressuposto da sua crítica: estimular o entendimento sobre a noção de sujeito e sobre a condição histórica da pessoa como sujeito. Neste aspecto, a proposta de formação de um sujeito crítico não se dá na esfera normativa do discurso. Ela necessita dar-se na esfera conjuntural de uma cultura, de uma sociedade. A sociedade deve, portanto, cuidar das condições para que o processo de formação do sujeito crítico realmente se efetive. Para Adorno (1963),

[...] O efeito global da indústria cultural é o de um antiiluminismo; nela o iluminismo (Aufklärung), como Horkheimer e eu tomamos o progressivo domínio técnico da natureza, torna-se engano das massas, meio para sujeitar as consciências. Impede a formação dos indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e se decidir conscientemente. Pois bem, estes seriam os pressupostos de uma sociedade democrática que somente indivíduos

¹³ Cf. Adorno, 2009, p. 185.

¹⁴ Cf. Adorno, 1976, p. 07.

emancipados podem manter e desenvolver. Se se engana as massas, se pelo alto se as insulta como tal, a responsabilidade não cabe por último à indústria cultural; é a indústria cultural que despreza as massas e as impede da emancipação pela qual os indivíduos seriam maduros como permitem as forças produtivas da época.

Conceber um sujeito crítico em formação, na perspectiva da leitura filosófica de Adorno, é vislumbrar a possibilidade que ele faz transparecer ao denunciar os rumos ideológicos que a sociedade capitalista instituiu no ocidente. É vislumbrar o fato de que a sua reflexão se volta também para os limites de uma formação cultural que superficializa a noção de pessoa. Falar, portanto, de sujeito crítico em Adorno é ter diante de si a concepção de pessoa concreta que deve ter as condições do desenvolvimento da consciência de si e do seu papel social e, frente ao meio, ter a condição de decisão, através de um discernimento sempre mais lúcido.

3- ORIENTAÇÃO PARA A EMANCIPAÇÃO: ESPAÇOS DE FORMAÇÃO PARA A EMANCIPAÇÃO

Em princípio, a concepção adorniana sobre educação não pode ser confundida como uma orientação pedagógica. Sua reflexão está para estimular a compreensão do processo formador e deformador que assola a cultura contemporânea. A reflexão deste processo, implícita na leitura da obra de Adorno, permite resgatar a ideia de que uma sociedade esclarecida deve orientar-se para a autonomia racional e cultural e para a emancipação política dos seus cidadãos. Esta orientação passa a ser construída por espaços formativos¹⁵ que primem pela autonomia intelectual e pela tomada de decisão consciente do indivíduo a eles pertencente.

O emprego da noção de “espaço” está também para aproximar o nosso entendimento com a noção de sociedade democrática. No entendimento de Adorno, uma sociedade democrática deve estimular cada um de seus membros para a “formação da vontade”¹⁶. Uma vontade que não pode ser confundida com uma resposta psicológica. Vontade aqui está mais próxima da noção de superação da irracionalidade que assola as organizações contemporâneas. Pode-se, portanto, falar da vontade de superação, ou vontade para a resistência. Trata-se de um posicionamento histórico-social do indivíduo.

Como elemento expressivo dessa irracionalidade está a condição que ela impõe sobre o trato dicotômico da pessoa: a separação entre trabalho intelectual e trabalho operacional¹⁷.

¹⁵ Empregamos o termo *espaços formativos* para congregar os canais ou meios formadores ou educacionais adotados pela sociedade.

¹⁶ Cf. Adorno, 2006, p. 169. Cf. também Adorno, 2009, 247.

¹⁷ Cf. Adorno, 1976, p. 08.

Objetivamente o que se evidencia nos espaços de formação, pensados para atender ao capital, é a condução do indivíduo ao preparo “adestrado” para a operacionalização no setor produtivo.

A formação¹⁸ para uma cultura que compreenda o pensar e o agir, consciente de si e responsável pelas decisões, passa a ser um foco que as reflexões dos teóricos críticos e de Adorno perseguem. Conceber um processo formativo é pensar em uma sociedade que se desenvolva para tal. Entretanto, o que Adorno observa, a partir do modelo capitalista, é uma realidade diversa daquela projetada inicialmente pelo iluminismo. Sua constatação é que o modelo educacional assumido e estimulado pelo sistema é fragmentador. Ele dissocia a formação, fazendo com que o indivíduo perca a sua singularidade. Ele descaracteriza o elemento político, ético e estético, imprescindíveis ao projeto formador, construindo uma falsa consciência da realidade.

Adorno (1996, parágrafo 01), ao pensar a formação cultural, pelo foco da falsa formação imposta pela sociedade capitalista, afirma:

[...] O que hoje se manifesta como crise da formação cultural não é um simples objeto da pedagogia, que teria que se ocupar diretamente desse fato, mas também não pode se restringir a uma sociologia que apenas justaponha conhecimentos a respeito da formação. [...] Reformas pedagógicas isoladas, indispensáveis, não trazem contribuições substanciais. [...] Símbolo de uma consciência que renunciou à autodeterminação, prende-se, de maneira obstinada, a elementos culturais aprovados. Sob seu malefício gravitam como algo decomposto que se orienta à barbárie. Isso tudo não encontra explicação a partir do que tem acontecido ultimamente, nem, certamente, como expressão tópica da sociedade de massas, que, aliás, nada consegue explicar mesmo, apenas assinala um ponto cego ao qual deveria se aplicar o trabalho do conhecimento. Apesar de toda ilustração e de toda informação que se difunde (e até mesmo com sua ajuda) a semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual, o que exige uma teoria que seja abrangente.

O modelo formativo apresentado pela sociedade contemporânea não estimula a autonomia individual. Não forma para a singularidade. Ele estimula à dependência social. Ele não se orienta para a emancipação individual. Orienta-se para o senso de pertença à massa, identificada pelos papéis socialmente constituídos, hierarquicamente definidos pelos valores do processo produtivo. A perspectiva de superação desta realidade passa a ser pensada por Adorno a partir da situação problema que esta realidade mesma provoca: a coisificação do ser humano. Pretendendo ser democrática, ela cria conceitos e estimula o indivíduo à nulidade intelectual e à participação efetiva da construção do espaço de convivência e discussão social. Propondo a autonomia intelectual, cria as condições que restringem o pensar, no âmbito da prática, para o que é mercadologicamente útil. Propondo a emancipação, conduz a vontade da ação autônoma à esfera da passividade heterônoma. Neste aspecto o indivíduo sempre estará

¹⁸ Cf. PUCCI, Bruno. In. WERLANG, Júlio Cesar & ROSIN, 2011. P. 13-42.

sendo conduzido por outras mãos. Sendo assim, a sociedade que se mostra na contemporaneidade traz, em si, a contradição pertinente ao seu propósito de organização para a liberdade.

A educação assume os traços da formação técnica e se caracteriza a partir do foco produção. Os valores culturais, revelados pela sensibilidade estética, são relegados ao plano da vontade secundária, visto que a vontade primária é a produção para a manutenção de si, no meio social. O indivíduo, neste processo de obscurecimento formativo, passa a ser visto como indivíduo de produção e reprodução¹⁹. O processo formativo deslocou o entendimento conceitual do termo “produzir” da esfera ontológica, que é dar existência a um produto – ação típica do fazer humano –, para a esfera lógica, que é produzir em vista de resultados. A condição real que se estabelece, a partir deste deslocamento, instaura-se também a partir da noção de valor²⁰. O resultado se constitui numa realidade na qual o processo produtivo deixa de ser pensado como gerador de existência real de coisas e ideias (dimensão ontológica) e passa a ser aceito apenas como algo fabricado (condição da lógica do sistema industrial).

Esta lógica produtiva desautoriza o caráter formativo da autonomia individual e instituir o caráter reprodutivo. O indivíduo deixa também de ser pensado a partir de um processo formativo e se configura como resultado material do projeto do capital. Os espaços formativos do indivíduo reproduzem o ambiente produtivo e reprodutivo da fabricação de um objeto. O foco deixa de ser o processo para ser o resultado. Nesta lógica, pessoa e objetos recebem tratamentos semelhantes: são considerados produtos para atender à demanda de uma nova exigência social, política, econômica e educacional.

A crítica estabelecida por Adorno²¹ identifica-se com a perspectiva de um resgate filosófico a partir da vertente cultural vigente, que “de-forma” os seus membros, em vista de uma nova proposta formativa que deve se instaurar a partir das condições de lucidez intelectual, liberdade para ação social responsável e sensibilidade com a compreensão de mundo e de ser humano. Na perspectiva de Adorno, a filosofia, a ética, a política e a estética constituem-se implicitamente como condições formativas de um novo indivíduo que deve experimentar a sua condição de ser humano em uma sociedade que busca o esclarecimento. A leitura adorniana sobre esta realidade faz destacar a condição em que a educação foi submetida para atender a perspectiva de uma razão instrumentalizada.

¹⁹ Cf. Adorno, 2006, p. 19.

²⁰ Cf. Marx, Karl. 2008. p. 7-105.

²¹ Cf. Adorno, 1962, p. 8ss.

5- CONCLUSÃO

Refletir sobre uma consciência verdadeira é indagar também sobre a consciência política. Perguntar sobre a consciência política é pensar sobre o resgate social do indivíduo, enquanto singularidade e ser de relações com o outro singular. É reconstruir o lugar social do indivíduo. O resgate do lugar social do indivíduo se torna possível por meio de uma formação que venha negar a sua condição existente, pela contradição histórica, para reafirmar o seu papel de reação e resistência social. Pensar o lugar social do indivíduo é dar-lhe a condição de relacionar-se com outros indivíduos, para além da esfera comercial. Relação que permita perceber no outro o “não-idêntico”, personalizado, distinto do eu-coisa, descaracterizado pela força massificadora. Para Adorno, “[...] A subordinação da vida ao processo de produção impõe a cada um, amesquinhando-o, algo do isolamento e da solidão que gostaríamos de reservar à nossa escolha soberana [...]” (2008b, p., 23, aforismo 06). Este imaginar-se “melhor do que todos os outros” é que conduz também à hegemonia política.

A condição da crítica da formação política dever ser a prerrogativa de um processo formativo que visa preparar o indivíduo para a resistência e para a reação a partir do seu lugar social. O lugar social do indivíduo se concretiza na luta contra o “narcisismo coletivo”, mediante a aproximação consciente, entre indivíduos diferentes, para a construção de um espaço social participativo. Esta noção de lugar social é compreendida e o espaço é ocupado por pessoas em processo de emancipação. Neste aspecto, o processo formativo deve primar fundamentalmente pela formação da consciência política.

A racionalidade crítica traz em si uma característica que dá à racionalidade a possibilidade de conduzir o indivíduo à emancipação. Compreendida como um esforço intelectual que conduz ao verdadeiro esclarecimento sobre as ameaças que aprisionam a reflexão e a ação humana, a razão crítica precisa estar sempre atenta aos percalços prováveis e possíveis que podem conduzir à alienação em si mesma. Como tal, a racionalidade crítica está aberta às inúmeras possibilidades de análise da realidade e de si mesma. Não basta ela estar atenta simplesmente aos esquemas racionais externos ao seu modo de análise. Ela também necessita pensar a si mesma para não se constituir na ideologia das respostas encerradas em si e para si mesmas. Um indivíduo crítico é um indivíduo que busca continuamente a sua emancipação intelectual e política. Um indivíduo emancipado não se fecha aos esquemas de uma racionalidade propensa a justificar-se a si mesma. É por esta razão que a teoria crítica sempre se colocou como aberta para, a partir de si, não construir um modelo filosófico hegemônico. Isto se dá por um olhar das possibilidades. Ela também busca, para si, um

constante diálogo com outras expressões do saber, no sentido de manter-se atenta ao dinamismo social e contribuir para a sua elucidação, num devir consciente.

6- REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- _____. **Temas básicos da sociologia**. São Paulo, ed. Cultrix, 1973.
- ADORNO, T. W. **As Estrelas Descem à Terra**. A coluna de astrologia do Los Angeles Times: um estudo sobre a superstição secundária. São Paulo: Editora UNESP, 2008a.
- _____. **Dialética Negativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- _____. **Educação e Emancipação**. 4ª Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.
- _____. **Liderança Democrática e Manipulação de Massas [1951]**. Reproduzido de *Gesammelte Schriften* Vol. 20, T. I [Soziologische Schriften] Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1986, p. 267-286. Traduzido por Francisco Rüdiger. In: <http://adorno.planetaclix.pt/>. Último acesso em 05/01/2012.
- _____. **Mínima Moral**. Reflexão a partir da vida lesada. Rio de Janeiro: Azougue, 2008b.
- _____. **Notas Marginais sobre Teoria e Práxis**. Texto original publicado em alemão em 1969. In: <http://adorno.planetaclix.pt/tadorno1.htm>. Último acesso em 30/04/2012.
- _____. **Palavras e Sinais**. Modelos Críticos 2. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- _____. **Prismas**. Crítica de la Cultura Y la Sociedad. Madrid: Akal, 2008c.
- _____. **Résumé sobre indústria cultural**. Originalmente este ensaio "Résumé über Kulturindustrie" foi uma conferência radiofônica pronunciada por Adorno na Internationalen Rundfunkuniversität des Hessischen Rundfunk de Frankfurt, de 28 de março a 4 de abril de 1963, depois incluído no livro *Ohne Leitbild. Parva Aesthetica*. Frankfurt. Suhrkamp, 1967. Tradução de Carlos Eduardo Jordão Machado do original alemão e cotejada com a tradução italiana (*Parva Aesthetica*. Milano. Einaudi, 1979). Anita Simis e Marcos Costa colaboraram na edição final do texto. In: <http://adorno.planetaclix.pt/tadorno17.htm>. Último Acesso em 25/01/2012.
- _____. **Teoria Estética**. Lisboa: Edições 70, 2008d.
- _____. **Teoria da Semicultura**. Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira, Bruno Pucci e Cláudia B. M. de Abreu. In: *Revista Educação e Sociedade* n. 56, ano XVII, dezembro de 1996, pág. 388-411. In: <http://adorno.planetaclix.pt/tadorno.htm>. Último acesso em 24/01/2012.
- _____. **Terminologia Filosófica**. Vol. I. Madrid: Taurus, 1976.
- _____. **Terminologia Filosófica**. Vol. II. Madrid: Taurus, 1977.
- BIDO, José Mateus. **A Problemática da Pós-modernidade**. Uma leitura sobre o viver do homem na modernidade. Londrina, Ed. UEL, 2001
- DUARTE, Rodrigo (Org.). **Theoria Aesthetica: em comemoração ao centenário de Theodor W. Adorno**. Porto Alegre: Escritos, 2005.
- FREITAG, Barbara. **A Teoria Crítica: ontem e hoje**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. **Textos Escolhidos**. 5ª Ed. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. São Paulo: Centauro, 2000.
- JAY, Martin. **As Idéias de Adorno**. São Paulo: Cultrix: Editora da universidade de São Paulo, 1988.
- MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da Economia Política. Vol. I. 26ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

- NOBRE, Marcos. **A Teoria Crítica**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. Org. **Curso Livre de Teoria Crítica**. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- PERIUS, Oneide. **Esclarecimento e Dialética negativa**. Sobre a negatividade do conceito em Theodor W. Adorno. Coleção Diá-logos 12. Passo Fundo: Instituto Superior de Filosofia Berthier, 2008.
- PUCCI, Bruno (org.). **Teoria Crítica e Educação**. A questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: EDUFISCAR, 1995.
- PUCCI, Bruno, RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton & ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- PUCCI, Bruno, GOERGEN, Pedro & FRANCO, Renato (Org.). **Dialética Negativa, Estética e Educação**. Coleção educação em debate. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.
- PUCCI, Bruno, ALMEIDA, Jorge & LASTÓRIA, Luiz Antônio Calmon. **Experiência Formativa & emancipação**. São Paulo: Nankin, 2009.
- TIBURI, Marcia. **Crítica da Razão e Mimesis no Pensamento de Theodor W. Adorno**. Coleção Filosofia 26. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- TIBURI, Marcia & DUARTE, Rodrigo (Org.). **Seis Leituras sobre a Dialética do Esclarecimento**. Ijuí: Unijuí, 2009. (Coleção Filosofia, 27).
- THOMSON, Alex. **Compreender Adorno**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Série Compreender).
- TOURAINÉ, Alain. **Crítica da Modernidade**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- UFBA. **Documento elaborado por um Grupo de Trabalho ad-hoc designado pela Reitoria**. In: <http://www.fis.ufba.br/dfes/PDI/Texto%20Universidade%20Nova.htm> – último acesso em 18/01/2012.
- WERLANG, Júlio César. **Educação, cultura e emancipação: estudos em Adorno**. Passo Fundo, RS: EdIFIBE, 2005.
- WERLANG, Júlio Cesar & ROSIN, Nilma (Org.). **Theodor Adorno: Diálogos filosóficos em educação, ética e estética**. Passo Fundo: IFIBE, 2011.
- WIGGERSHAUS, Rolf. **A Escola de Frankfurt**. História, desenvolvimento teórico, significação política. 2ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2006.
- ZUIN, Antônio A. S. & PUCCI, Bruno & RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton (Org.). **Ensaio Frankfurianos**. São Paulo: Cortez, 2004.